

“Bebê tube”: a vida espetacular de mães “influenciadoras” nas redes sociais digitais¹

Marcela Rochetti ARCOVERDE²
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão sobre os cancelamentos sofridos por mães “influenciadoras” nas redes sociais digitais. Para tanto, escolhemos analisar a trajetória dos ataques sofridos pela youtuber e atriz Vitória di Felice (Viih Tube) na Internet. O objetivo geral foi perceber o que as disputas online sobre a maternidade podem nos dizer sobre a “cultura do cancelamento” e sobre as formas de sociabilização e constituição das subjetividades contemporâneas. Os objetivos específicos foram entender como as características das interações mediadas por computadores se inserem nas dinâmicas dos cancelamentos, compreender que transformações morais, tecnológicas e sociais podem ter influenciado a ocorrência dessas disputas e, posteriormente, reconhecer os sentidos e estruturas de poder envolvidas nas mesmas.

Palavras-chave

Influenciadores; Redes sociais digitais; Espetáculo; Cancelamento

Introdução

A transformação da criação de filhos em uma espécie de *reality show* feita por mães, principalmente, aquelas que ocupam a função de “influenciadores digitais” – um tipo novo de celebridade – tem ocorrido em inúmeros formatos, seja como *dayle vlogs*, vídeos curtos no *Reels* e no *TikTok* (plataformas de rede social digital voltadas para o compartilhamento de vídeos de curta duração), ou através de postagens de fatos íntimos do cotidiano das crianças em sites de redes sociais de compartilhamento de texto, imagens e vídeos como o *Facebook* e o *Instagram*. Essas práticas colocam em evidência a espetacularização da vida privada nas redes e ainda apontam para o surgimento de novas dinâmicas nas estruturas de normalização social.

Nas sociedades modernas ocidentais, “intro-dirigidas” (RIESMAN, 1961) e disciplinares (FOUCAULT, 2018), o Estado era a instituição normalizadora do espaço público ao lado da escola e da igreja, enquanto a família era a instituição voltada para o espaço privado. Nas sociedades contemporâneas essa estrutura não é mais observada. No

¹ Trabalho apresentado no GP Tecnologias e Culturas Digitais, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (PPGCOM-UFF), email: marcelarochettiarcoverde@gmail.com.br

presente, o borramento das fronteiras entre o espaço público e privado, possibilita o aparecimento de formas de sociabilização que servem a outras forças normalizadoras, como a vigilância e o controle (DELEUZE, 1992). Essas aparecem em diversos contextos da vida cotidiana, inclusive podem ser exercidas pelos indivíduos nas redes sociais digitais.

Elemento importante para o entendimento das dinâmicas dos cancelamentos nas redes sociais, o controle é um tipo de poder mais tênue do que a disciplina, atuando como “controle-estimulação” (FOUCAULT, 2018). Na “cultura do cancelamento”, podemos ver seu exercício ao observarmos o ciclo em que ao mesmo tempo que os indivíduos são estimulados a se expor na Internet, eles também sofrem retaliações pelo que é exposto. Isso pode ser percebido com os inúmeros ataques que pais influenciadores sofrem ao expor algum detalhe da criação de seus filhos, considerado inadequado para a parcela do público responsável pela mobilização negativa.

Diante desse cenário, propomos neste trabalho uma reflexão sobre o cancelamento sofrido por mães “influenciadoras”. O estudo da temática com esse enfoque é promissor, pois ajuda a desvelar aspectos importantes sobre as formas de sociabilidade vigentes. Entre elas, buscamos entender se os cancelamentos digitais são fruto da ruptura da moral moderna (SIBILIA, 2022) associada às novas disputas e resistências possibilitadas pelas redes sociais digitais.

Com o intuito de responder esses questionamentos, foi feito um estudo à luz da perspectiva genealógica (NIETZSCHE, 1998; FOUCAULT, 2018) do cancelamento da youtuber Vitória di Felice Moraes (Viih Tube). O caso ocorreu em junho de 2023, motivado pela comemoração do segundo mês de vida da filha da influenciadora com o também ex participante do *Big Brother Brasil*, *reality show* transmitido pela emissora de televisão *Rede Globo*, Eliezer do Carmo Neto. O movimento de “*hate*” (ódio) direcionado ao casal foi justificado pelos “canceladores” como uma reação de indignação em relação ao “exagero” da celebração³.

O objetivo geral do estudo foi perceber que aspectos das subjetividades e das dinâmicas de sociabilidades contemporâneas a “cultura do cancelamento” nos revela. Os objetivos específicos eram, primeiramente, entender como as características das interações mediadas por computadores se inserem nas dinâmicas dos cancelamentos,

³ Mais detalhes disponíveis em: < <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2023/06/10/viih-tube-rebate-criticas-por-mesversario.htm>>. Último acesso: 16 de junho de 2023.

compreender que transformações morais, tecnológicas e sociais podem ter influenciado a ocorrência dessas disputas e, posteriormente, reconhecer os sentidos e estruturas de poder envolvidas nas mesmas.

Cancelamento e a interação mediada por computadores

A emergência da cultura digital trouxe grandes transformações no cotidiano das sociedades ocidentais. Fruto da emergência de tecnologias da informação e comunicação (TICs) como a internet, o processo de digitalização da existência humana, vivenciado nos dias atuais, provocou o encurtamento de distâncias espaciais, a aceleração dos ritmos de vida, ajudou a derrubar as fronteiras entre o público e o privado e tornou mais tênue a linha entre o certo e o errado. Diversos fenômenos decorreram dessas mudanças. Neste contexto, os sites de redes sociais, ao mesmo tempo, que são consequência de tudo isso, também possibilitam que novas formas de ser e de vivenciar o mundo contemporâneo apareçam.

Embora o conceito de rede social já existir em um momento anterior à internet, seu transporte para o ambiente digital veio acompanhado por novos funcionamentos. A pesquisadora Raquel Recueiro, no livro *Redes sociais na internet*, publicado em 2009, explica que as redes sociais são “uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre diversos atores”. Assim, segundo ela, o foco de uma abordagem de rede seria a estrutura social “onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões” (RECUERO, 2009, p. 24). Na perspectiva da autora, o estudo de como essas se comportam na Internet é centrado no:

Problema de como as estruturas sociais surgem, de que tipo são, como são compostas através da comunicação mediada pelo computador e como essas interações mediadas são capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais que impactam essas estruturas. Para estudar essas redes, no entanto, é preciso também estudar seus elementos e processos dinâmicos (RECUERO, 2009, p. 24).

Estar atento a como as dinâmicas interacionais se alteram na Internet é fundamental como compreender as performances dos atores nas redes. O livro *A representação do eu na vida cotidiana* do sociólogo Erving Goffman, publicado pela primeira vez em 1956, é uma referência para o estudo das interações humanas. É nele que o autor defende ser através da interação que os indivíduos constroem suas performances, “o outro compreende o ator social não só pelo conteúdo do que diz, mas a partir daquilo que se deixa escapar; aqueles elementos que complementam o discurso – como tom de voz, postura e movimentos faciais – que, na maioria das vezes, são involuntários”

(GOFFMAN, 1975, p. 199). De acordo com o pesquisador, a performance pode ser entendida como toda atividade realizada por um participante, em uma ocasião determinada, que seja efetiva para influenciar alguém (ibid., 1975, p. 23). Fazendo uma metáfora do teatro, ele cria o conceito de fachada para denominar “o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou não inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação” (idem, p. 29). Esta engloba outros elementos cênicos que ajudam o ator a conferir verossimilhança a sua apresentação. Essa teoria foi denominada de “perspectiva dramaturgica”.

A conceituação de Goffman é muito interessante para pensarmos como ocorrem interações face a face, no entanto, existem algumas características da comunicação mediada por computadores que redefinem alguns aspectos da performance dos indivíduos. A socióloga estadunidense Dannah Boyd, em seu texto “Why youth (heart) social network: the role of networked publics in teenage social life” (Porque sites de redes sociais para a juventude (coração): o papel dos públicos em rede na vida social dos adolescentes, tradução nossa), publicado em 2008, traz quatro aspectos importantes para se observar interações feitas nas plataformas digitais, são elas: a persistência; a replicabilidade, a buscabilidade e as audiências invisíveis. Esses consideram, respectivamente: a capacidade da comunicação feita nas redes ficarem gravadas para a posteridade; a possibilidade de replicar-se algo em larga escala (nesses ambientes) podendo prejudicar a contextualização em que aquele dado foi usado em uma determinada interação, o que pode provocar ruídos na comunicação e desvio de sentido; a viabilidade de manutenção de um dado para a posteridade nas redes torna possível que esse seja recuperado o que traz a tona problemáticas como o direito ao esquecimento e o uso de dados fora de um contexto; ao contrário do que ocorre em interações face a face, nos ambientes digitais, determinar o real o alcance da mensagem não é fácil, por isso é complicado detectar aspectos como as reações do destinatário, adaptar a linguagem para que o significado seja realmente apreendido, entre outros. (BOYD, 2008, p. 8-9).

Os elementos apresentados por Boyd podem ser determinantes para provocar um efeito que, geralmente, é um gatilho para que os cancelamentos digitais ocorram. Este seria a quebra de alguma expectativa depositada em um ator social. Muito desse rompimento da imagem criada do cancelado pelo expectador tem a ver com o conceito de “ruptura performática”. A luz das teorias de Goffman, as pesquisadoras Beatriz Polivanov e Fernanda Ariane Carrera definem essa ruptura como o momento em que “as

intencionalidades dos atores não são cumpridas, causando efeitos inesperados” (2019, p. 74). Para essa ocorrer, é preciso que haja um prejuízo na “coerência expressiva” daquele que executa a performance. Isso é muito comum nos cancelamentos, mas não é a única possibilidade. Alguns são motivados pela incompatibilidade de ideias, não necessariamente com a surpresa de certo autor ter determinada performance. Os conceitos propostos por Boyd trazem maior complexidade para a análises de cancelamentos ocorridos na Internet. Isso porque a quebra de expectativa pode ocorrer pelos ruídos da comunicação inerentes a própria natureza da interação, por exemplo, é recorrente que postagens antigas, feitas em perfis de sites de redes sociais, sejam recuperadas no intuito de desacreditar ou difamar certo ator.

A exposição desses indivíduos na Internet produz um material que fica arquivado com prazo de validade indeterminado, podendo ser acionado a qualquer momento que esses cometerem algum “erro” aos olhos do público. A descontextualização, o deslocamento de sentidos e a eternização desses dados são preços que alguns atores estão dispostos a pagar pela visibilidade. Os cancelamentos digitais nos ajudam a compreender as formas de sociabilização e de formação da subjetividade que estão implícitas a esse desejo por se expor como veremos adiante.

O espetáculo da maternidade e as ondas de indignação

Ocorrido entre o fim do século XIX e início do XX, movimento sufragista feminino foi um importante indicador e motivador do deslocamento de sentidos sobre o papel da mulher nas sociedades ocidentais. Desde então, foram conquistados não só o direito ao voto, mas a possibilidade de trabalhar fora do lar, usar roupas mais curtas, ter uma formação universitária, se divorciar e, até, de sonhar com salários iguais ao do sexo oposto e, quem sabe, com a equidade de gênero. Apesar dessas conquistas, mulheres continuam enfrentando limitações, gerais e específicas (quando pensamos em recortes de raça, sexualidade, transexualidade) que são palco de disputas morais vistas nas redes sociais digitais. Ainda existem jeitos de ser mulher mais aceitos socialmente do que outros. Conforme destaca Simone Beauvoir em sua obra *O segundo sexo*, “o corpo da mulher é um objeto que se compra: para ela, representa um capital que ela se acha autorizada a explorar” (1967, p. 170). Esse dado observado pela autora implica em várias dores que afligem o gênero feminino há décadas. Sobre isso, a pesquisadora Paula Sibilía,

no artigo *O corpo velho uma imagem com falhas: a moral da pele lisa e a censura midiática da velhice*, afirma:

Apesar de todos os avanços nas conquistas de direitos e nas mudanças socioculturais que se sedimentaram no mundo desde então –, não perdeu validade essa noção do corpo juvenil da fêmea humana como um capital que convém investir com bom tino porque vai se desgastando inelutavelmente (SIBILIA, 2012, p. 94).

A valorização do corpo feminino liso, jovem e com prazo de validade continua presente no imaginário ocidental. No entanto, os debates em torno da maternidade nas redes parecem querer desconstruir esses significados. A pesquisadora Ana Luiza de Figueiredo Souza traça um interessante retrato do cenário atual no artigo *Maternidade e mídias sociais no Brasil: vivências compartilhadas em rede*. Ela destaca que ainda permanecem fatores que afetam negativamente a vida das mulheres, embora a maternidade tenha se tornado menos compulsória do que anteriormente. Para ela, esses fatores vão além da dimensão da escolha da não maternidade, abrangendo questões legais – a proibição do aborto, por exemplo –, estruturais (misoginia, violência contra a mulher etc.) e pressões morais ligadas a maternidade como “a exigência social de que mulheres tenham filhos e os amem com dedicação” e “uma demanda por alta performance que a torna mais exigente e cansativa” (FIGUEIREDO SOUZA, 2022, p. 57). Todas essas pressões em torno da mulher e do ser tornar mãe atingem um nível ainda maior de complexidade, no contexto atual, em que o ato de “maternar” virou um espetáculo para entreter seguidores e demais espectadores nas redes sociais digitais.

A mistura dos âmbitos público e privado vivida na atualidade e as disputas morais sobre a boa criação dos filhos parecem colocar, não só o papel social da mãe, mas a família, enquanto instituição social, em um lugar diferente dos observados em outros períodos da história. Esse deslocamento, foi semelhante ao vivenciado por outra instituição moderna: a escola. Essa, como diria Sibilía (2012), já pode ser considerada “uma tecnologia de época”. Ao olharmos atentamente para histórico traçado pelas duas nas últimas décadas veremos algumas aproximações.

O regime escolar foi criado com o objetivo de “atender a um conjunto de demandas específicas do projeto histórico que a planejou e procurou pô-la em prática: a modernidade” (SIBILIA, 2012, p. 12). A família é uma criação mais antiga, mas a forma institucional e seu modelo tradicional, como conhecemos, foi projetada também em prol dos interesses das sociedades modernas. Na atualidade, as escolas – da forma em que foram planejadas – se veem ameaçadas pelos ritmos de vida correntes, cada vez mais

rápidos e digitalizados. O mundo contemporâneo não para, busca atuar em um regime 24/7, como denomina Jonathan Crary (2016) – “24 horas por sete dias da semana”. Essa lógica produz mudanças nas estruturas sociais a nível de ritmos de produção e circulação, mas também altera funções biológicas humanas que enfrentam adaptações na saúde física e mental e na economia da atenção. As pessoas já não aprendem como antigamente. Hoje, muitos são adeptos das aulas online, assistidas em alta velocidade de reprodução. Algo semelhante parece estar acontecendo com a família. Não, no sentido de se tornar obsoleta. Mas sim, na quebra do engessamento característico da disciplina, modificando suas estruturas tradicionais e adotando novas configurações. A estrutura familiar não é mais limitada àquela formada por um homem (hétero, cisgênero) ocupando o papel de pai e de uma mulher (hétero, cisgênero) como mãe, mas é composta também por famílias com dois pais, duas mães, mães ou “pais solo”, pais transexuais. Há toda uma gama de possibilidades. Entretanto, essas alterações não englobam somente sua constituição, mas ocorrem também em seu posicionamento dentro da esfera social e no âmbito moral. A escola teve suas “paredes quebradas” (SIBILIA, 2012), e se vê posicionada em uma zona cinza entre a esfera pública e a privado, adotando também modelos de ensino híbridos ou totalmente digitais e formando uma nova classe de “professores influenciadores”. A família segue por um caminho parecido. Com a hiperexposição do self que vigora na atualidade, a intimidade familiar sai do âmbito privado e ganha as múltiplas telas presentes em nosso cotidiano. Surgem assim os pais “influenciadores”, os filhos “influenciadores”, e os *reality shows* da intimidade familiar. Mães expõem os filhos, desde o ultrassom nas redes sociais digitais e, assim, se veem tendo que lidar com as divergentes visões sobre a maneira certa de criá-los.

A entidade “seguidor-audiência” não é composta por uma massa homogênea, mas um grupo de indivíduos que, ao serem mobilizados por debates acalorados nas redes, podem engajar “ondas de indignação” e encarnar a persona do “indivíduo-cancelador”. Essas ondas são descritas por Byung-Chul Han como movimentos motivados pelo afeto da raiva, sendo eficientes para mobilizar a atenção. Segundo o filósofo, “por causa de sua fluidez e volatilidade elas não são, porém, apropriadas para organizar o discurso público, a esfera pública. Elas são incontroláveis, incalculáveis, inconstantes, efêmeras e amorfas demais para tanto” (HAN, 2018, p. 11).

A aglomeração dos “seguidores-audiência” funciona como o “exame digital”. Outro conceito trazido por Han (2018, p. 27) em sua obra *“No exame: perspectivas do*

digital”. Em sua visão, esse seria composto por “indivíduos singularizados” que se fundiriam “em uma nova unidade na qual eles não têm mais nenhum perfil próprio”. Assim, sua característica é “não ser coerente em si mesmo, não possuir uma voz”. Essa nova forma pela qual indivíduos se associam, típica das redes sociais digitais, está relacionada a outro fenômeno presente nas plataformas que abrigam essas redes, o qual ele dá o nome de “*shit storms*” (tempestades de merda). Acreditamos que os cancelamentos digitais podem ser entendidos da mesma forma.

A “cultura do cancelamento”, as “*shit storms*” e o “enxame digital” estão inseridos em um contexto de exposição e espetacularização da vida cotidiana. O francês Guy Debord (2005) em seu livro *A sociedade do espetáculo* define que “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens”. Esse fenômeno já criou raízes e se intensifica com os ritmos de circulação e reprodução da informação no digital. Nas sociedades do espetáculo, tudo se torna mercadoria. Logo, não é surpresa que toda essa exposição da vida privada nas redes venha acompanhada de moedas de troca como “capital de visibilidade” (HEINICH, 2012) representado nas métricas de sites de redes sociais (dados que ajudam a mensurar engajamento e estão associados às lógicas do marketing) e novos regimes da fama. Assim, enquanto mães influenciadoras reclamam da violência sofrida na Internet, seus “canceladores” justificam seus atos afirmando que elas permitem tal situação ao rentabilizar sua imagem e a de seus filhos.

Maternidade Cancelada

O caso aqui analisado chegou até nós por meio dos *Assuntos mais comentados* do site de rede social X (*Twitter*) e de postagens em perfis de notícias de celebridades no *Instagram*. O corpus de análise foi composto pelo conteúdo coletado desses sites e de noticiários online. A partir desses, analisamos as dinâmicas e sentidos em disputas por traz do cancelamento.

1. Caso Viih Tube

Além de *youtuber* e “influenciadora”, Vitória di Felice Moraes é atriz. Inicialmente, seus conteúdos audiovisuais abordavam questões comuns no dia a dia de adolescentes. Ela sofreu seu primeiro cancelamento aos 15 anos, quando publicou um

vídeo em que aparecia cuspiando na boca de seu gato de estimação. A revolta da internet foi grande e mesmo depois de pedir desculpa publicamente, continuou sofrendo ataques em seus perfis em sites de redes sociais. Em sua visão, esse episódio provocou uma mudança em sua vida, fazendo com que ela entrasse “em uma caixinha com medo de tudo” (AMAZONAS ATUAL, 2022). Em 2021, Viih Tube aceitou o convite para participar da vigésima primeira edição do *Big Brother Brasil*, reality show produzido e veiculado pela emissora de televisão *Rede Globo*. No programa, alcançou mais projeção nacional e com essa vieram mais cancelamentos. Essas foram provocadas por sua conduta nas telas, sendo vista por alguns como falsa e manipuladora. Em outubro de 2021, pouco depois de ter saído da atração, ela publicou o livro *Cancelada: o que a internet não mostra*, no qual relata em detalhes sua experiência com os cancelamentos sofridos e como ela aprendeu a superar e reverter esses ataques de ódio.

Em 2022, a vida romântica da influenciadora foi muito comentada nas redes. Vitória compartilhou seus sucessos e fracassos amorosos rendendo muitas opiniões positivas e negativas daqueles que a acompanhavam. Os ataques voltaram a acontecer com mais força quando ela assumiu um relacionamento com Eliezer do Carmo Neto. O empresário participou da edição seguinte do mesmo reality que a namorada esteve. Desde o início, o namoro foi duramente criticado por internautas que não viam com bons olhos o rapaz que também saiu cancelado do programa. A figura abaixo mostra algumas respostas de Vitória às críticas recebidas:

Figura 1 – Desabafo de Viih Tube⁴

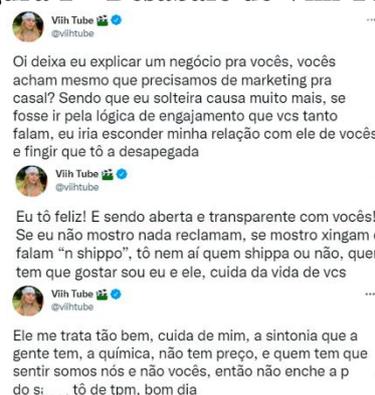


Imagem retirada de reportagem do site de notícias Gshow.

⁴ Imagem retirada de reportagem disponível em: <<https://gshow.globo.com/tudo-mais/tv-e-famosos/noticia/viih-tube-rebate-criticas-sobre-relacao-com-eliezer-to-nem-ai-quem-shippa-ou-nao.ghhtml>>. Acessada em 10 de agosto de 2023.

Mesmo com a repercussão negativa, o casal continuou exibindo cada detalhe do relacionamento em seus perfis nos sites de redes sociais. Em setembro de 2022, eles anunciaram a gravidez da youtuber. Toda a gestação foi um verdadeiro espetáculo nas redes, sendo exibido teste de farmácia, ultrassom, o momento em que o pai recebeu a notícia. O instagram da filha dos influenciadores foi criado assim que o anúncio para os seguidores foi feito. A figura abaixo mostra um pouco desse compartilhamento da vida privada dos dois:

Figura 2 – Perfil de Instagram de filha de Viih Tube⁵



Imagem retirada de reportagem do portal de notícias R7.

Após o nascimento de sua filha, Viih Tube passou a falar ativamente do que denomina de “maternidade real” nas redes. Nestes, ela retrata suas dificuldades em relação a mudança nas rotinas de vida, transformação do corpo, dificuldades no casamento, inseguranças sobre amamentação e outros tipos de cuidados maternos com os filhos. A figura abaixo é de uma postagem de Vitória em seu perfil no Instagram:

Figura 3 – Corpo no pós-parto⁶



Imagem retirada de reportagem do site de notícias Isto é.

⁵ Imagem foi veiculada em reportagem do portal de notícias R7 e pode ser acessada em: <<https://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/fotos/de-gravidez-a-exploracao-da-filha-7-vezes-em-que-viih-tube-e-eliezer-foram-avos-de-haters-27022023#/foto/5>>. Visto em 10 de agosto de 2023.

⁶ Imagem veiculada pelo site Isto é. Disponível em: <<https://istoe.com.br/influenciadora-critica-viih-tube-por-apresentar-marcas-no-corpo-apos-gestacao/>>. Acessado dia 10 de agosto de 2023.

O debate sobre a “maternidade real” começou a se popularizar no Brasil em 2016, quando “viralizou”, no site de rede social *Facebook*, um “desafio” que incentivava mulheres a compartilharem momentos felizes vividos com seus filhos acompanhados da *hashtag* #desafiodamaternidade. Embora, inicialmente, a proposta visasse focar em momentos positivos, o conteúdo mudou quando Juliana Reis foi convidada a participar da brincadeira por uma colega da rede social. Ela “decidiu romper com o que estava sendo publicado, postando um novo desafio, o desafio da maternidade real”. Assim, mulheres começaram a postar momentos difíceis da rotina com seus filhos (LAUXEN; QUADRADO, 2018, p. 3-4).

O ato de expor as dificuldades vividas por mães possibilitou que os ideais da maternidade como a grande missão da mulher ou como um propósito biológico inevitável fossem mais ativamente questionados. No entanto, esses atos de exposição abrem caminho para que a vida privada exposta se torne tema de debate público. Foi o que ocorreu com Viih Tube que tem sofrido críticas por mostrar os desafios enfrentados com o nascimento da filha. Uma de suas postagens sobre a temática recebeu alguns comentários de seguidoras que a acusavam de promover o “incentivo e a normalização da falta de cuidado com a saúde durante a gravidez” e de tornar a maternidade algo pesado (ISTO É, 2023).

Apesar das críticas recorrentes por seu relacionamento e sua forma de retratar a maternidade, o motivo que levou Vitória a ser cancelada novamente foi a comemoração do segundo mês de vida de sua filha – essas celebrações dos primeiros meses de vida de um bebê é chamado de “mêsversário”. As críticas dos “canceladores” foram centradas no caráter luxuoso da festa. Algo que, na perspectiva deles, seria inaceitável em uma celebração de uma criança tão pequena.

O que se pode constatar com o panorama apresentado é que os cancelamentos vividos recentemente pela “influenciadora” estão relacionados a “rupturas de performance” vindas da representação paradoxal de sua vida como mãe. O caráter contraditório da apresentação que ela faz nas redes se situa no fato dela querer mostrar uma “maternidade real” sem abandonar completamente a espetacularização da mesma, como no momento em que faz um aniversário mensal exagerado para a filha com o intuito de vendê-lo como conteúdo de entretenimento nas redes.

Considerações finais

A observação dos sucessivos cancelamentos sofridos por Viih Tube nos ajuda a perceber alguns aspectos importantes da “cultura do cancelamento” e das formas de socialização contemporâneas. Entre esses, a necessidade de exposição parece ser a temática central que envolve os casos. Para Sibilía, essa busca tem raízes mais profundas:

Além de ter perdido o amparo das instituições modernas hoje em crise, o eu atual não se sente protegido pelo perdurável lastro de um passado individual ou coletivo, nem pela âncora de uma intensa vida interior, nem pelas sólidas paredes do lar. A fim de fortalecer e constatar a sua existência, portanto, ele precisa se tornar visível e compartilhar sua vida nas vitrines do mundo (SIBILIA, 2023, p. 200).

Conforme aponta a autora, a insegurança que assola as sociedades atuais é fruto de uma grande instabilidade, fruto da crise da moralidade e das instituições modernas. Em um ambiente em que tudo parece por um fio, a possibilidade de existir e se eternizar no ambiente digital parece preencher o vazio existência das subjetividades na atualidade. No entanto, como bem podemos verificar na trajetória da “influenciadora”, o apenas mostrar não é suficiente. É preciso performar um certo estilo de vida “espetacular”. Sob esse ângulo, Sibilía afirma:

Embora pareça não haver códigos – nem legais, nem estáticos, nem morais ou éticos – neste território ainda novo e aparentemente ingovernável, algumas palavras-chave sobressaem: eu, autenticidade, espetáculo, performance, auto ficção, fake ou falso (SIBILIA, 2023, p. 199).

Como ela salienta, embora esses signos pareçam confusos em um primeiro momento, é preciso estar atento ao controle ali exercido. Esse é mútuo, pois é feito por aquele que expõe e por aquele que vê. Isto é chave da dinâmica das ondas de indignação vistas nas redes. O público que critica a falta de autenticidade daquilo que é exposto é o mesmo que se entretém com a representação de uma vida mais leve, espetacular, palatável. É por isso que quando Viih Tube é tão duramente criticada tanto ao mostrar a maternidade real quanto ao transformar o simples aniversário mensal de seu bebê em um grande espetáculo.

Referências bibliográficas

AMAZONAS ATUAL. “Cancelamento mudou minha vida”, afirma youtuber Viih Tube. Amazonas, 2022. Disponível em: <<https://amazonasatual.com.br/cancelamento-mudou-minha-vida-afirma-youtuber-viih-tube/>>. Último acesso em 10 de agosto de 2023.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. A experiência vivida. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BOYD, Danah. (2007) **“Why Youth (Heart) Social Network Sites: The Role of Networked Publics in Teenage Social Life.”** MacArthur Foundation Series on Digital Learning – Youth, Identity, and Digital Media Volume (ed. David Buckingham). Cambridge, MA: MIT Press.

CAMPANELLA, Bruno. **Celebridade, engajamento humanitário e a formação do capital solidário.** Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, v. 21, n. 2, 2014.

CLARY, Jonathan. **24/7: capitalismo tardio e os fins do sono.** São Paulo: Ubu Editora, 2016.

DEBORD, GUY. **A sociedade do espetáculo.** Lisboa: Edições Antipáticas, 2005.

DELEUZE, GILLES. **Post-scriptum sobre as sociedades de controle.** In Conversações: 1972-1990, 219-226. Rio de Janeiro: Ed 34, 1992.

FIGUEIREDO SOUZA, Ana Luiza de.. **Maternidade e mídias sociais no Brasil: vivências maternas compartilhadas em rede.** In: Revista Dispositiva, v. 11, n. 19, 2022.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na vida cotidiana.** Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

GSHOW. **Viih Tube rebate críticas sobre relação com Eliezer: “Tô nem aí quem shippa ou não”.** Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/tudo-mais/tv-e-famosos/noticia/viih-tube-rebate-criticas-sobre-relacao-com-eliezer-to-nem-ai-quem-shippa-ou-nao.ghtml>>. Último acesso em 10 de agosto de 2023.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital.** Petrópolis: Vozes, 2018.

HEINICH, Nathalie. **Grand résumé de De la Visibilité.** Excellence et singularité en régime médiatique, Paris, Éditions Gallimard, 2012.

ISTO É. **Influenciadora crítica Viih Tube por apresentar marcas no corpo após gestação.** Brasil, 2023. Disponível em: <<https://istoe.com.br/influenciadora-critica-viih-tube-por-apresentar-marcas-no-corpo-apos-gestacao/>>. Acesso do em 10 de agosto de 2023.

ISTO É. **Viih Tube responde às críticas sobre o aniversário mensal da filha: “óbvio que é exagero”.** Brasil, 2023. Disponível em: < <https://istoe.com.br/viih-tube-responde-as-criticas-sobre-aniversario-mensal-da-filha-obvio-que-e-exagero/>>. Acessado em 10 de agosto de 2023.

LAUXEN, Jéssica; QUADRADO, Raquel. **Maternidade sem romantismos: alguns olhares sobre as maternidades e os sujeitos-mãe na contemporaneidade.** In: Revista latino-americana de estudos em cultura e sociedade, v. 04, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

POLIVANOV, Beatriz; CARRERA, Fernanda. **Rupturas performáticas em sites de redes sociais: um olhar sobre fissuras no processo de apresentação de si a partir de e para além de Goffmann.** Porto Alegre, Revista InTexto, UFRGS, n.44, p.78-98, 2019.

R7. **De gravidez a exploração da filha: 7 vezes em que Viih Tube e Eliezer foram alvos de haters.** São Paulo, 2023. Disponível em: < <https://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/fotos/de-gravidez-a-exploracao-da-filha-7-vezes-em-que-viih-tube-e-eliezer-foram-alvos-de-haters-27022023#/foto/1>>. Acessado em 10 de agosto de 2023.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIESMAN, David. **A multidão solitária**. São Paulo: Perspectiva, 1961.

ROMANO, Alex. ‘**Why We Can’t Stop Fighting About Cancel Culture**’. Vox, 25 de Agosto. Disponível em: <https://www.vox.com/culture/2019/12/30/20879720/what-is-cancel-culture-explained-history-debate>, 2020.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2014.

SIBILIA, PAULA. **Da hipocrisia aos cinismos: deslocamentos do “solo moral”**. In: Anais 31º Encontro anual da Compós. Maranhão, 2022.

SIBILIA, Paula. **Imagens despuadoras**. Extimidade, pornificação e capitalização de si. In: Revista latino-americana de psicanálise (Calibán), vol. 21, nº. 1, 2023.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SIBILIA, Paula. **Redes e Paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contracampo, 2012.

TERRA. **Ex-BBBS assumem namoro: Relembre affairs de Viih Tube e Eliezer antes do relacionamento**. Brasil, 2022. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/diversao/ex-bbbs-assumem-namoro-relembre-affairs-de-viih-tube-e-eliezer-antes-do-relacionamento,c81e37b517121e52c90de9681f3d495b7d84p5se.html>>. Último acesso em: 10 de agosto de 2023.